

O FUTURO NO LIXO

Um mundo sustentável passa por uma política pública para lidar com os resíduos sólidos produzidos cotidianamente

Por César Vieira

Colaboração: Guilherme Gomes

No momento em que as atenções estão voltadas para as crises financeiras e para as revoltas em todo o mundo, a questão da sustentabilidade parece ter ficado esquecida, ou pelo menos jogada para segundo plano, na pauta dos grandes jornais, principalmente na cidade de São Paulo. O **Contraponto**, mantendo a sua tradição de tentar mostrar o que a maioria da imprensa não mostra, procurou falar sobre um tema que só será lembrado quando vierem as enchentes, ou quando houver uma questão ambiental grave, a questão do lixo nas grandes cidades. Para onde vai o lixo que a população produz todos os dias? Quem são as empresas que fazem a coleta? Quais serão as consequências a médio prazo da atual política de reutilização de resíduos sólidos? Qual é a verdadeira situação do lixo reciclável? Como a questão que é um dos grandes problemas da atualidade pode ser revertida a nossa favor? Com o objetivo de responder a essas e outras questões esta reportagem percorreu alguns pontos culminantes da cidade de São Paulo, chegando até o bairro da Terceira Divisão, no distrito de São Mateus, extremo leste da cidade. Lá está localizado o aterro sanitário Central de Tratamento Leste – CTL, sob responsabilidade da Ecourbis, empresa criada em 2004 e que tem licitação para fazer a coleta do lixo das regiões leste e sul da capital até 2024. A coleta das regiões oeste e norte é de responsabilidade de outra empresa, a Log.

Durante a visita ao aterro a reportagem compartilhou a viagem com uma escola municipal da região que fazia um passeio pelo aterro para conhecerem um pouco mais sobre a principal empresa da região, através do programa Ver de Perto. A auxiliar de serviços ambientais da Ecourbis, Maysa Fernandes, nos acompanhou e esclareceu algumas das nossas dúvidas, o que ajudou o andamento da reportagem e o entendimento das crianças sobre a importância do trabalho da empresa para a região. A primeira coisa que ela fez questão de dizer foi sobre a diferença entre aterro sanitário e lixão: “nos aterros sanitários é proibido a entrada de pessoas não autorizadas. Há toda uma preocupação com o tratamento do lixo. O piezômetro é uma das peças que faz a diferença entre os dois, ele mede a pressão dentro do aterro impedindo que haja explosões como a que ocorreu recentemente no aterro Pajoan, na cidade de Itaquaquecetuba. Moscas, mosquitos, roedores, o ar, ruídos, as águas (subterrâneas e superficiais), transporte do Chorume – líquido produzido pela decomposição do lixo por bactérias – são monitorados cuidadosamente pela empresa.” No entanto, mesmo com todo esse cuidado, o processo de tratamento dos resíduos sólidos na CTL mostra que não é perfeito. Moradores da região reclamam do mau cheiro deixado pelo chorume que cai dos caminhões de coleta. Segun-



Aterro sanitário em São Paulo

ATUALMENTE HÁ TRÊS TIPOS DE ATERROS:

“**OS LIXÕES, SEM NENHUM TIPO DE CUIDADO COM OS DANOS AMBIENTAIS; OS ATERROS CONTROLADOS QUE ERAM ANTIGOS LIXÕES, MAS FORAM FEITAS ADAPTAÇÕES PARA QUE HAJA UM MAIOR CONTROLE DOS RESÍDUOS; E OS NOVOS ATERROS AMBIENTALMENTE SUSTENTÁVEIS, ONDE HÁ TODO UM CUIDADO COM O TRATAMENTO DO SOLO, O CHORUME, O GÁS, ETC., ASSIM COMO O CTL**”

(VINÍCIUS ALMEIDA - CONSULTORIA ANDRADE & CANELLAS)

do alguns moradores, na época de clima mais seco, o cheiro fica insuportável e os casos de problemas respiratórios, principalmente entre as crianças, aumenta muito. A reportagem procurou a direção do Posto de Saúde da Terceira Divisão que confirmou o aumento do atendimento de pacientes com casos de problemas respiratórios, principalmente depois de o antigo aterro São João ser desativado e o atual, CTL, ser posto em funcionamento, aproximando em cerca de um quilometro o ponto de descarga dos resíduos da população. No entanto, fez questão de salientar que, por enquanto, não é possível afirmar com convicção que a causa do aumento dos problemas de saúde da região esteja atrelada ao cheiro decorrente do tratamento do lixo na região. Em resposta, a Ecourbis, disse fazer o máximo controle do ar através do piezômetro, e que os caminhões de coleta possuem um compartimento para que armazenar o chorume, não havendo nada que comprove a ligação dos casos de problemas respiratórios com o trabalho da empresa.

Outras questões importantes que puderam ser observadas na visita ao aterro foram a produção de energia através da queima do biogás e o número de resíduos recicláveis que eram jogados junto com os demais. Segundo Vinícius Almeida, da Consultoria Andrade & Canellas, empresa especializada na produção de meios alternativos de produção de energia atualmente há três tipos de aterros: “os lixões, sem nenhum tipo de cuidado com os danos ambientais; os aterros controlados que eram antigos lixões, mas foram feitas adaptações para que haja um maior controle dos resíduos; e os novos aterros ambientalmente sustentáveis, onde há todo um cuidado com o tratamento do solo, o chorume, o gás, etc., assim como o CTL.” Neste, o biogás é canalizado e queimado, produzindo, assim, energia termoeletrica que é vendida para algumas empresas a um preço menor do que a energia hidroelettrica, como o Shopping Itaquera que atualmente funciona utilizando a energia produzida no CTL. Se o local onde foi construído o Shopping Center Norte tivesse sido

construído nos moldes de um aterro ambientalmente sustentável, não estaria sob o risco de explosão, tendo que parar suas atividades por riscos provenientes do acúmulo de metano no solo devido ao biogás produzido pelo lixo. Além disso, o fato de jogar CO₂ na atmosfera durante a produção de energia, ao invés do metano que é 21 vezes mais prejudicial à atmosfera, conta como créditos de carbono para a empresa e para o país.

Então, é inevitável a pergunta: se é mais vantajosa a produção de energia através do lixo, por que o investimento nesse tipo de produção de energia é tão pouco conhecido e utilizado?

Segundo Vinícius: "o investimento nos equipamentos para produzir esse tipo de energia é muito alto, apesar do preço no processo de produção ser barato frente aos outros meios. Quando as empresas estão numa situação financeira favorável elas

se lembram da sustentabilidade, mas quando há uma crise financeira como a que ocorreu recentemente, esses são os primeiros gastos a serem cortados. Um exemplo disso são os créditos de carbono. Eles eram negociados a preços muito altos nas Bolsas especializadas com esse tipo de negócio pela falta de procura, mas, com o tempo, as empresas perceberam que eles eram um bom investimento e, com o aumento da demanda e visto que empresas que

Fotos cedidas pela Ecorrbis



Lago de Chorume no Aterro Sanitário Central de Tratamento Leste (São Paulo)

Para entender melhor:

Créditos de Carbono

Créditos de carbono ou Redução Certificada de Emissões (RCE) são certificados emitidos para uma pessoa ou empresa que reduziu a sua emissão de gases do efeito estufa (GEE).

Por convenção, uma tonelada de dióxido de carbono (CO₂) corresponde a um crédito de carbono. Este crédito pode ser negociado no mercado internacional. A redução da emissão de outros gases, igualmente geradores do efeito estufa, também pode ser convertida em créditos de carbono, utilizando-se o conceito de Carbono Equivalente.

Comprar créditos de carbono no mercado corresponde aproximadamente a comprar uma permissão para emitir GEE. O preço dessa permissão, negociado no mercado, deve ser necessariamente inferior ao da multa que o emissor deveria pagar ao poder público, por emitir GEE. Para o emissor, portanto, comprar créditos de carbono no mercado significa, na prática, obter um desconto sobre a multa devida.

Bolsas de Carbono

- CCX – Bolsa do Clima de Chicago.
- CCFE – Chicago Climate Exchange Futures - Subsidiária da CCX.
- ECX – Bolsa do Clima Européia.
- Nordpoll (Noruega).
- EXAA – Bolsa de Energia da Áustria.
- BM&F – Bolsa de Mercadorias e Fundos - (Atualmente trabalha apenas com o leilão de créditos de carbono).
- New Values/Climex (Alemanha).
- Vertis Environmental Finance (Budapeste).
- Bluenext – Antiga Powemext (Paris) - Formada pela bolsa de valores internacional NYSE).
- Euronext e pelo Banco Público Francês Caisse des Depots após a compra das atividades de carbono da Powernext.
- MCX – Multi-Commodity Exchange (Índia) - Maior bolsa de commodities da Índia. Lançou em 21 de janeiro de 2008 contratos futuros para a negociação de RCEs (Reduções Certificadas de Emissão) com tamanho mínimo de 200 toneladas de Co₂e.
- Outras bolsas têm planos quanto às negociações de créditos de carbono, como: Hong Kong Exchange e EEX (Bolsa de Energia Europeia - Leipzig).

Política Nacional de Resíduos Sólidos:

Com a sanção da PNRS, o país passa a ter um marco regulatório na área de Resíduos Sólidos.

A lei faz a distinção entre resíduo (lixo que pode ser reaproveitado ou reciclado) e rejeito (o que não é passível de reaproveitamento), além de se referir a todo tipo de resíduo: doméstico, industrial, da construção civil, eletroeletrônico, lâmpadas de vapores mercuriais, agrosilvopastoril, da área de saúde e perigosos.

Resultante de ampla discussão com os órgãos de governo, instituições privadas, organizações não governamentais e sociedade civil, a PNRS reúne princípios, objetivos, instrumentos e diretrizes para a gestão dos resíduos sólidos.

Os principais objetivos da nova lei são:

- A não-geração, redução, reutilização e tratamento de resíduos sólidos;
 - Destinação final ambientalmente adequada dos rejeitos;
 - Diminuição do uso dos recursos naturais (água e energia, por exemplo) no processo de produção de novos produtos;
 - Intensificação de ações de educação ambiental;
 - Aumento da reciclagem no país;
 - Promoção da inclusão social;
 - Geração de emprego e renda para catadores de materiais recicláveis.
- Ponto do projeto.

agem de maneira sustentável são bem aceitas no mercado, os preços começaram a cair. No entanto, quando veio a crise de 2008, os investidores abandonaram imediatamente esse mercado, fazendo os preços dispararem".

Um segundo reflexo da falta de investimento e do descaso com os resíduos sólidos está no fato de, conforme disse Maysa Fernandes: "menos de 2% do lixo produzido na capital paulista ser reciclado, apesar dos 14 novos ecopontos criados pela prefeitura de São Paulo. Além disso, nenhum aterro no Brasil tem o equipamento necessário para reciclar papéis-alumínio, como os encontrados nos pacotes de bolacha e cigarro, ou seja, no Brasil esse tipo de papel não é reciclável, ao contrário da maioria dos países desenvolvidos." Outro equipamento que não há no aterro, apesar de existir no Brasil, é o de compostagem, responsável pela transformação do resto de alimentos em adubo para o solo. Sendo assim, o lixo, principalmente das feiras, que poderia ser reaproveitado, é jogado fora juntos com os demais. É interessante saber, também, que o bairro de São Mateus onde está localizado o CTL é um dos muitos na cidade de São Paulo que não possui coleta seletiva. Um aterro sanitário tem vida útil de cerca de dez anos, e devido à falta de espaço para construir novos aterros, num prazo menor do que se possa imaginar, a situação do lixo nas grandes cidades toma proporções catastróficas irreversíveis. Ao final da reportagem a sensação era de que os mesmos resíduos podem ser fontes alternativas de energia, ou a fonte dos principais problemas da população.

Shopping Center Norte:

O shopping foi construído em cima de um aterro de lixo, o que provoca vazamento de gás metano. Com um alerta da Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) para um potencial risco de explosões, a prefeitura pediu o fechamento do shopping.